

Questões do Nosso Tempo

A juventude universitária não pode gratuitamente ser acusada de conformismo político ou intelectual. O pessimismo dos moços e o seu escapismo em face dos problemas gerais que afligem o homem moderno, manifestam-se como efeito e não como causas geradoras desta situação. A mocidade do após guerra de 1939 tem experimentado as mais duras decepções e, raramente, no exemplo dos antepassados imediatos, encontra um ponto de apóio para a solução de seus problemas e cumprimento da sua tarefa. A nossa situação, não é indispensável estar acorde com correntes ideológicas ou partidos políticos para reconhecê-lo, não é promissora. Causas materiais movem as figuras no palco da vida nacional, em todos os setores, e é forçoso que, em nós mesmos, busquemos a nossa verdade para proclamá-la, com veemência, em oposição atuante a tudo que nos ofereçam de velho, a fim de que não hipotequemos o nosso apóio tácito a esse estado de coisas que pode levar a um pessimismo ou a um escapismo militantes, capazes de servir, de maneira vantajosa, àqueles que, justificando as suas asneiras com o rótulo da experiência, insistem em atrair-nos para as suas hostes domesticadas, admitindo que detêm, divinatóriamente, a verdade absoluta, a moral imperfectível, a cultura no seu ápice intransponível.

Sentimos que numerosas parcelas da juventude universitária estão desviadas do caminho que lhes devia conduzir à afirmação consequente da sua dignidade, independência moral, política e intelectual. Essa tibieza de moços que negam a sua mocidade, repudiando, com atos e palavras, a rebeldia construtiva que deve caracterizar a juventude, é um dos mais contristadores sintomas de assimilação passiva da herança, inútil, pelo menos sob certos aspectos, das gerações antecessoras. Não nos opomos, sistematicamente, às gerações anteriores negando, de modo absurdo, as contribuições legítimas, que deram ao espírito de seu tempo. Julgamos, mesmo, que é dever da juventude acolher essa contribuição, com espírito crítico, e empregá-la na edificação consciente do espírito do nosso tempo. A nossa opinião é mantida contra tôdas as formas de domesticidade social e reacionarismo — ético, estético, filosófico e ideológico.

A juventude de 1950 o dogma, em si mesmo, não preocupa, pois, no campo histórico e nesta atualidade, constatamos a existência de homens, filhos do dogma, que foram e são, ao mesmo tempo, grandes e verdadeiros revolucionários. Donde podemos concluir que apesar de constituírem minorias dentro do próprio credo a que são filiados, não é a crença numa verdade revelada que leva necessariamente uma consciência a descambar pelos caminhos tor-

tuosos do reacionarismo. Porque o dogma é, antes do mais, um problema de graça. Portanto, não nos sentimos autorizados e, muito menos, capacitados para negar aqueles que sentem Deus em sua própria carne. O que combaemos, duramente, é a utilização do dogma a favor de uma reação burguesa ou de uma classe dominante qualquer, como tantas vezes tem acontecido e acontece agora entre nós.

Como também, à juventude da hora presente não deve interessar o conflito inútil entre escolas estéticas, sistemas filosóficos e conceitos políticos vencidos pelo tempo e pelo processo evolutivo da sociedade, senão na medida em que esses conflitos geram resultados capazes de fornecer material para o levantamento cultural necessário e condizente com a nossa época. Reerguer o liberalismo político e econômico, reviver o romantismo ou o parnasianismo, pregar ideologias passadistas, agarrar-se a uma estreita concepção ética nos dias presentes, é assumir posição irrisória, comprometer-se com o passado, abstrair-se da realidade circundante, posições que podem parecer sensatas e equilibradas nos velhos, nivelados, experientes, conhecedores da vida, mas que dão um péssimo atestado da capacidade de luta na mocidade. A inadmissibilidade dessas verdades salientes conduz à aceitação obsequente de preceções, ao servilismo moral, à acomodação social e ao comodismo acadêmico contraproducente.

Lembramo-nos de uma observação de Mário de Andrade no prefácio de um livro de Otávio de Freitas Junior: "E os moços estão querendo exclamar a verdade, a verdade violenta, a verdade que vai chegar, mas não podem. A mocidade está engasgada e regouga surdamente. Mas não é por ignorância, por inadvertência ou displicência que a mocidade engasgou. A mocidade não engasgou. Engasgaram a mocidade". Dói dizê-lo, mas é imprescindível acusar determinadas parcelas da juventude universitária, que não constituem maioria e auxiliam, criminosamente, os engasgadores da mocidade. É impossível admitir que moços estudantes, presumivelmente dotados de inteligência, dobrem-se dócilmente, sujeitem sua vontade, sua independência e sua honradez a outros homens, sejam estes professores, intelectuais, administradores públicos, ou políticos, mas sempre defensores de interesses ilegítimos, notórios ou velados, portadores de privilégios de classe, erguidos, pela ingenuidade de uns mediocres ou pela cumplicidade de muitos bajuladores, à condição de mestres, guias, líderes, benfeitores públicos.

Há que distinguir, nessas parcelas negativas da juventude universitária, duas categorias: a dos inocentes, mal orientados, que merecem o esclarecimento da maioria; e a dos simuladores, dos carreiristas que, embora conheçam a verdade, negam-na, fazem o máximo por ocultá-la, visando a proveitosos resultados práticos, mediatos ou imediatos, abdicando de toda dignidade, compondo o rebanho da retroação.

Para a maioria da classe universitária, segura de suas responsabilidades, livre de compromissos, mantendo intacta a sua autonomia, só há um caminho a seguir: repelir, energicamente, os propósitos obscuros dos políticos deshonestos, advogados da continuidade desse degradante "statu quo" social; não dar ouvidos às pregações dos que se julgam mestres consumados e experientes e que dessa pretensa qualidade nunca apresentaram prova; opôr-se, sobranceiramente, aos juízos éticos, estéticos e filosóficos; combater, com firmeza, a subserviência, o oportunismo, a vaidade balofa, a suficiência de todos

aquêles que, desesperadamente, lutam pela preservação de uma cultura arcaica, de uma literatura e de uma arte acadêmicas, de inúmeros privilégios e juízos apriorísticos peculiares à sociedade burguesa que se aprofunda, admirável e inevitavelmente, num processo de decomposição, para ceder lugar, no mundo de amanhã, à vitoriosa Verdade que os moços pressentem, feita de liberdade, de procura e de amor, no sentido da consecução de um humanismo novo que realizará melhor os nossos destinos.

Há em nós, cegamente em nós, uma esperança e sabemos que mais ou menos adormecida, ela vive em cada um. Porisso, debaixo do tédio da vida que nos deram, apesar do terrível trabalho de destruir que nos legaram, nós queremos proclamar a esperança. Que muito sangue foi derramado para que ela pudesse nascer; aquela pela qual ainda somos capazes de amar nossas mulheres, de dizer, terrivelmente simples como disse o poeta: "Pedro, te chamo irmão", aquela que ensina as crianças a brincar de roda, mesmo cercadas pelos muros ou sobre ruínas vivas. E nós não somos ingênuos. Conhecemos a experiência do passado e cada um de nós, tem a sua própria e tão decepcionante experiência. Pois é neste momento em que, diante das hidras e dos labirintos, alguns vivem egoisticamente de beleza, escapistas que são, e outros se suicidam e se janatizam em processos de opressão, que nós vimos simplesmente dizer que a hora do xeque mate ainda não chegou. Esperança não é certeza de conseguir; a isto chama-se fé; mesmo um cálculo de probabilidades talvez não seja; esperança é um método e um absurdo. E enquanto a hora não chegar, (a hora ou a bomba) nós, homens de humana condição, temos de dizer humilde e rudemente: esperança.

Esta revista do CENTRO ACADEMICO RUY BARBOSA é criada com o objetivo de ser útil aos estudantes da Faculdade de Direito da Universidade da Bahia. De restabelecer a existência de um diálogo, que uma educação de papagaios acacianos logrou apagar. Não aceita uma orientação unilateral para o seu conteúdo. É ampla e não reflete a linha política de seus diretores, divergentes, nesse ponto, mas que aderem à média geral das verdades deste editorial. Espera corresponder à expectativa dos estudantes da Faculdade de Direito da Bahia, na sua maioria moços que vislumbam a verdade a que nos referimos. Nesse sentido apresentará colaboração literária, artística e científica, portadora de um mínimo de méritos qualitativos que possa recomendar "ANGULOS" como uma verdadeira revista de cultura aos universitários e intelectuais do Brasil que a lerem. A. C. M. — E. S.